



PROLEGÔMENOS À DISCUSSÃO DE GURWITSCH SOBRE A REDUÇÃO TRANSCENDENTAL: ACERCA DA HIPÓTESE DA CONSTÂNCIA

Prolegomena to Gurwitsch's discussion of transcendental reduction: about the constancy hypothesis

BRENDA CARDOSO SOARES*

Prolegómenos a la discusión de Gurwitsch sobre la reducción trascendental: acerca de la hipótesis de la constancia

Resumo: Aron Gurwitsch propõe, em 1929, um paralelo entre a refutação da hipótese da constância proposta pela teoria Gestalt e a redução transcendental de Edmund Husserl. Existe vasta literatura sobre o assunto partindo do ponto de vista da redução transcendental, mas pouco debate que explore a importância do papel da hipótese da constância na discussão. Nosso objetivo é dar alicerce teórico e histórico a respeito do surgimento e manutenção da hipótese da constância na psicologia clássica, bem como descrever o desenvolvimento da Gestalt, para enfim ressaltar a relevância da teoria Gestalt ao propor a sua rejeição. A partir desse horizonte estabelecido, será possível uma melhor compreensão da pertinência da interpretação proposta por Gurwitsch, que tem como mérito lançar um novo olhar de interesse sobre a psicologia e a fenomenologia.

Palavras-chave: Gurwitsch; Hipótese da constância; Gestalt; Psicologia; Fenomenologia

Abstract: Aron Gurwitsch proposes, in 1929, a parallel between the refutation of the constancy hypothesis proposed by the Gestalt theory and the transcendental reduction of Edmund Husserl. There is a vast literature on the subject from the point of view of transcendental reduction, but little debate that explores the importance of the constancy hypothesis' role in the discussion. Our objective is to provide a theoretical and historical foundation regarding the emergence and maintenance of the constancy hypothesis in classical psychology, as well as to describe the development of Gestalt, to finally emphasize the relevance of Gestalt theory when proposing its rejection. From this established horizon, it will be possible to better understand the relevance of the interpretation proposed by Gurwitsch, whose merit is to launch a new look of interest on psychology and phenomenology.

Keywords: Gurwitsch; Constancy hypothesis; Gestalt; Psychology; Phenomenology

Resumen: Aron Gurwitsch propone, en 1929, un paralelo entre la refutación de la hipótesis de constancia propuesta por la teoría de la Gestalt y la reducción trascendental de Edmund Husserl. Existe una vasta literatura sobre el tema desde el punto de vista de la reducción trascendental, pero poco debate que explora la importancia del papel de la hipótesis de la constancia en la discusión. Nuestro objetivo es proporcionar una base teórica e histórica sobre el surgimiento y mantenimiento de la hipótesis de la constancia en la psicología clásica, así como describir el desarrollo de la Gestalt, para finalmente enfatizar la relevancia de la teoría de la Gestalt a la hora de proponer su rechazo. Desde este horizonte establecido, se podrá comprender mejor la relevancia de la interpretación propuesta por Gurwitsch, cuyo mérito es lanzar una nueva mirada de interés sobre la psicología y la fenomenología.

Palabras clave: Gurwitsch; Hipótesis de constancia; Gestalt; Psicología; Fenomenología

* Mestra e Doutoranda em Filosofia pela *Pontifícia Universidade Católica de São Paulo* (Bolsista CAPES).
E-mail: brendacsoares@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0976-5064>.



Introdução

O filósofo lituano Aron Gurwitsch propõe em sua tese “Fenomenologia da temática e do ego puro: estudos da relação entre a teoria Gestalt e a fenomenologia” (*Phenomenology of thematics and of the pure ego: Studies of the relation between Gestalt theory and phenomenology*), em 1929, uma espécie de paralelo entre a rejeição da hipótese da constância e a redução transcendental. Segundo Gurwitsch (2009, p. 214), a refutação da hipótese da constância realizada pela Gestalt “tem o mesmo significado e função metódica para psicologia que a redução transcendental tem para fenomenologia”¹.

Essa é uma proposta nada convencional, visto que o próprio Husserl desqualificou a abordagem da Gestalt como fenomenologia e a classificou como psicologia naturalista. Dito isto, aceitar que existe algum ganho fenomenológico ao aderir a uma proposição da teoria Gestalt parece no mínimo um contrassenso. Porém, esse é exatamente o objetivo do filósofo lituano, que pretende usar como alicerce da sua tese a identificação de problemas epistemológicos que surgem na proposta de Husserl a partir de uma leitura da teoria Gestalt.

O debate sobre a hipótese da constância costuma passar despercebido nas discussões ou muitas vezes relegado a simples nota de rodapé, como se o surgimento dessa hipótese e sua refutação fossem momentos um tanto óbvios ou de discussão filosófica ultrapassada. É acerca da sua relevância que basicamente iremos tratar nas próximas páginas.

A maneira superficial como a hipótese da constância é retratada traduz sintoma de como a própria Gestalt é tomada com certa ingenuidade. Há uma série de diferenças e peculiaridades fundamentais que envolvem a noção de Gestalt que, via de regra, são ignoradas. Com efeito, Gurwitsch faz distinções relevantes que requerem certo contexto para serem reconhecidas. Conforme avança em sua análise, Gurwitsch (2009, p. 233) percebe que “dois tipos distintos de conexão Gestalt emergem, e um não deve ser interpretado em termos do outro”². São eles, a conexão figura-fundo e a conexão estrutural do todo em relação às suas partes. Cada conexão mencionada tem origem diferente, ainda que a conexão figura-fundo seja posteriormente também abordada pela Escola de Berlim ao se remeter aos estudos de Rubin.

Nosso objetivo inicial é apresentar um contexto que permita compreender o surgimento e as implicações da hipótese da constância, bem como o surgimento e os desdobramentos da Gestalt. Como veremos, esses dois aspectos se entrelaçam e a evolução do primeiro impulsiona o surgimento do segundo. A partir da investigação da hipótese da constância poderemos acompanhar o surgimento da Gestalt, primeiro como qualidade, depois como psicologia e, finalmente, como a teoria responsável pelas questões que Gurwitsch se baseia para propor a comparação de duas instâncias, a saber, psicologia e fenomenologia.

A Hipótese da Constância e sua Relação com a Gestalt

Primeiramente é importante lembrar que a hipótese da constância é um conceito (tardio) introduzido pelos teóricos da Gestalt. É inicialmente citado por Wolfgang Köhler (1913) e, depois, definido sistematicamente por Kurt Koffka (1915) para identificar um elemento comum a toda uma tradição psicofisiológica presente no século XIX: a tese de que o que é dado na sensação é determinado por condições objetivas relevantes e, sendo assim, condições objetivas qualitativamente similares dão origem a sensações qualitativamente similares. Ou seja, há uma conexão constante entre estímulo e sensação.

Essa é uma explicação básica e habitualmente repetida quando surge a necessidade de esclarecimento. Porém, antes de ser nomeada e refutada pela Escola de Berlim, como a hipótese da constância era conhecida? Por que ela surgiu? E, principalmente, qual o seu papel na psicologia da época? Esses são questionamentos, no mínimo, pertinentes para entender o porquê de sua refutação suscitar uma revisão da psicologia e da própria fenomenologia. Por esses motivos marcamos assim o início do nosso percurso.

A fim de estabelecer um ponto de partida voltaremos a Immanuel Kant, no século XVIII. Ou melhor dito, à recusa de Kant em conceder à psicologia o *status* de ciência, porque não era possível aplicar a matemática ou fazer experimentos na psicologia. A partir desse posicionamento é possível acompanhar um movimento, que percorre grande parte do século XIX, voltado a provar que Kant estava errado e a garantir que a psicologia seja considerada uma ciência.

Um passo inicial foi dado por Johann Friedrich Herbart quando, em 1824, publicou o seu “Psicologia como ciência” (*Psychologie als Wissenschaft*), no qual defendia uma abordagem matemática para fundamentar a psicologia, pois acreditava que era possível – ao contrário do que afirmava Kant – medir representações (*Vors-*

¹ “has the same significance and methodical function for psychology as the transcendental reduction has for phenomenology” (tradução nossa)

² “Two distinct kinds of Gestalt connection emerge, and the one must not be interpreted in terms of the other” (tradução nossa).



tellung). Entretanto, Herbart não conseguiu chegar a uma magnitude que pudesse medir as representações de forma equivalente como eram medidas, por exemplo, as grandezas das ciências naturais.

É preciso ter em vista também que o século XIX é o período de um intenso desenvolvimento da fisiologia. Nesse ambiente, um próximo passo importante é dado pelo médico Ernst Heinrich Weber, o qual defendeu que para uma magnitude da sensação ser perceptualmente diferente, a intensidade do estímulo associado precisaria ser aumentada em uma proporção constante de si mesma. Assim, Weber identifica uma conexão entre o estímulo físico e o aspecto mental que ele chama “diferença apenas perceptível”. Essa é a “Lei de Weber”.

Foi Gustav Theodor Fechner, usando como base o trabalho de Weber, quem usou essa “diferença apenas perceptível” como unidade de medida. Ele encontrou uma função matemática que relacionasse a magnitude de uma sensação experimentada com a intensidade real do estímulo físico, a reconhecida “Lei de Fechner”³. A aludida lei foi que sustentou as afirmações do seu livro “Elementos da psicofísica” (*Elemente der Psychophysik*), publicado em 1860, ao criar uma base para o desenvolvimento da psicofísica, concretizando as aspirações de Herbart e refutando a argumentação kantiana.

Com o desenvolvimento de uma teoria quantificável da sensação, Fechner garante a possibilidade da psicologia experimental como método controlável, ainda que fosse possível medir as sensações apenas de forma indireta. Essa lei influenciou nitida e diametralmente, por exemplo, os trabalhos de Helmholtz, um dos pioneiros na proposição de uma ciência da sensação, e Wundt, o fundador do primeiro laboratório de psicologia experimental em Leipzig, na Alemanha.

Por estar na origem desse movimento, é essa lei que simboliza o que, mais tarde, os teóricos da Gestalt vão chamar de “hipótese da constância”. Aqui já se prenuncia a importância e as implicações que envolvem a sua refutação. Porém, o que mostraremos a seguir é que o desenvolvimento e aprimoramento dessa lei corre quase que paralelamente ao surgimento da Gestalt e da fenomenologia.

A Lei de Fechner era reforçada por uma visão atomística do universo quase onipresente no século XIX, onde e quando a percepção de complexos era uma questão polêmica e geralmente resolvida pela explicação de que a sensação de um todo corresponde, em última instância, à soma de seus estímulos elementares. O que os teóricos da Gestalt perceberam é que essa tradição, embora tenha a sua efetividade questionada, viu sua vida útil ser prolongada ao longo dos tempos. Ao invés de acatar as suas revisões, sempre certa tradição se impunha ao ganhar hipóteses auxiliares que ajudavam na sua manutenção. Assim, quando os dados objetivos não davam conta de explicar as percepções era necessário agregar à experiência sempre algum tipo de processo cognitivo que auxiliaria a organizar, dar sentido ou revelar algo já existente nas sensações elementares. Trata-se de um processo que supostamente transformaria sensação em percepção, eliminando ou ocultando assim as disparidades.

A grande contribuição da teoria Gestalt seria justamente radicalizar a psicologia da época propondo uma nova abordagem que refute não apenas o elementismo da sensação, como também questione o papel do intelecto na estrutura e organização da percepção, pois são duas faces da mesma moeda. Ou seja, cada elemento desta dicotomia reforça o outro. E este é o fator fundamental na proposta de Gurwitsch a respeito de conceder à teoria Gestalt impactos importantes na fenomenologia.

Em seu texto, o pensador lituano pressupõe um horizonte vasto da psicologia e da filosofia que pretendemos agora explorar. A partir de alguns exemplos paradigmáticos que ilustram, embora certamente não esgotam, o cenário da psicologia do século XIX e do começo do século XX, pretendemos apresentar uma base razoável para compreender, com mais clareza, as reivindicações de Aron Gurwitsch.

Hermann Helmholtz versus Ewald Hering

Uma das polêmicas mais famosas do século XIX se dá entre a fisiologia mecanicista de Hermann Helmholtz e a fisiologia organicista de Ewald Hering. As implicações do pensamento desses estudiosos são notáveis. Para citar algumas, basta lembrar que antes de fundar o primeiro laboratório de psicologia, Wilhelm Wundt foi assistente de Helmholtz, e Hering chega a ser citado por Husserl como um dos primeiros cientistas a utilizar o método fenomenológico, além de ter influenciado o pensamento de Carl Stumpf e, por consequência, a Escola de Berlim.

Tal disputa foi resumida por Helmholtz como uma luta entre o empirismo (Helmholtz) e o nativismo (ou também inatismo?) (Hering). Em suma, pela possibilidade do processo perceptivo se desenvolver a partir da experiência ou se por um processo inato. Porém, como coloca Pastore (1974, p. 380), para Hering, a questão se apresentava em outros termos: “...nesta discussão, é evidente que Hering considerou a controvérsia empirista-nativista como realmente uma controvérsia entre espiritualismo e fisiologia”⁴.

Muito dessa polêmica pode ser esclarecido por meio de como ambos estudam os fenômenos. O fato de Helmholtz pensar a sensação e a percepção tomando como base a filosofia kantiana e a mecânica newtoniana

³ $S = K \cdot \log R$, em que S é a magnitude da sensação, K é uma constante e R é a magnitude do estímulo. A relação é logarítmica, isto é, uma série aumenta em progressão aritmética e a outra em progressão geométrica.

⁴ “... in this discussion it is evident that Hering regarded the empiristic-nativistic controversy as actually a controversy between spiritualism and physiology” (tradução nossa).



vai determinar a sua postura no embate com Hering. Isso porque, ao “naturalizar” Kant, Helmholtz irá afirmar que as leis que regem as ciências naturais são responsáveis por estruturar os fenômenos. Sendo assim, poderíamos dizer que também, para Helmholtz, todo conhecimento parte da sensação, mas não se fundamenta nela. Como Patton coloca, para o empirista:

A sensação em seu estado natural ou não interpretada consiste em um conjunto de impulsos elétricos enviados ao longo de fibras nervosas, que não constituem em si mesmas percepções ou representações determinadas. Sensação sozinha, como resposta a um estímulo, nunca corresponde à percepção ou representação de um objeto. (Patton, 2018, p. 98)⁵.

Aliada a essa visão kantiana do estudo dos fenômenos, Helmholtz segue a tradição da psicofísica representada pela Lei de Fechner. Ou seja, embora negue que a sensação pura seja suficiente para garantir uma percepção, Helmholtz pressupõe a existência dela como ponto de partida para construção da percepção. Isso porque o estímulo que provinha do “objeto real”, externo ao sujeito, era a causa, enquanto a sensação era o efeito correspondente.

Cabe ressaltar que Helmholtz não era um realista no sentido de que acreditava que as sensações correspondiam exatamente aos objetos exteriores. Para ele, as sensações atuavam como sinais do mundo exterior, fornecendo uma espécie de “mapa” que podia ser seguido a partir de inferências realizadas pelo sujeito. Porém, essas inferências – apesar de serem realizadas pelo sujeito – não eram feitas de modo consciente. Helmholtz acreditava que as inferências eram interpretadas de forma inconsciente e assim davam origem às percepções. Ou seja, apenas a sensação não podia garantir as representações a respeito da forma e da localização dos objetos externos. Por exemplo, a determinação da distância entre o objeto e o sujeito – da profundidade visual – requereria inferências inconscientes que são obtidas através da experiência e da memória. Ainda assim, as interpretações precisariam sempre atuar nos limites dados pelas regularidades que descrevem relações estáveis entre causa (estímulo) e efeito (sensação). Dito isso, é inegável que o empirista toma como base a hipótese da constância, perfazendo umas das suas adaptações mais conhecidas, a chamada hipótese da interpretação⁶.

Para os teóricos da Gestalt, essa hipótese tem como consequência um círculo vicioso em que se explica o que pressupõe. Para a hipótese da constância permanecer válida, ela precisa da hipótese da interpretação e a hipótese da interpretação só é possível pressupondo a hipótese da constância. Muito antes da Escola de Berlim fazer essa crítica, Hering já conseguia ver as incongruências que advinham dessa teoria e acusava Helmholtz de “espiritualista”, já que a interpretação do sujeito atuaria como um deus *ex machina* para salvar a imprecisão de suas teorias.

Helmholtz, por sua vez, acusava Hering de nativismo porque este último atribuiria as transformações na sensação à estrutura fisiológica inata do sujeito e ignoraria a importância da experiência e da aprendizagem na construção da percepção. Contudo, para Hering, suas teorias não negam a influência da experiência no processo perceptivo; estas só têm impacto diferente em nosso sistema nervoso. Hering acredita que a fisiologia não segue uma cadeia causal nem hierárquica. O cérebro não atuaria como “espírito”, mas processaria fisiologicamente as informações e o sistema nervoso, como um todo; o cérebro mudaria e se reorganizaria em um processo orgânico proporcionando a percepção. Sendo assim, não seria necessário apelar para atos psicológicos.

Hering, ao contrário de Helmholtz, estudava a percepção a partir dos fenômenos e se concentrava apenas no resultado da interação entre sujeito e objeto; por isso, Hering parte de “objetos vistos”. Ash (1998, p. 55) explica que em Hering:

(...) essa distinção não era uma questão de debate epistemológico; se esses fenômenos são “objetivos” ou “subjetivos”, se eles são “realmente” experimentados diretamente ou se concluem a partir de “sensações despercebidas”, não vinha ao caso. Aceitar a realidade psicológica dos objetos vistos era uma necessidade metodológica⁷.

O apelo fenomenológico de suas afirmações não tinha como objetivo descartar as supostas precisões alcançadas pelas investigações mecanicistas; pelo contrário, teve, como consequência, a abordagem empírico-matemática a partir de fenômenos vistos.

⁵ “Bare or uninterpreted sensation consists of a set of electrical impulses sent along nerve fibers, which do not in themselves constitute determinate perceptions or representations. Sensation alone, as response to a stimulus, never adds up to perception or representation of an object.” (tradução nossa)

⁶ Patton (2019, p. 67) remonta essa teoria também a Weber e Fechner.

⁷ “this distinction was not a questions for epistemological debate; whether these phenomena are 'objective' or 'subjective', whether they are 'really' experienced directly or conclude from 'unnoticed sensations', was beside the point. Accepting the psychological reality of seen objects was a methodological necessity.” (tradução nossa)



A Psicologia Empírica de Wundt

Quando lança o seu famoso “Fundamentos da Psicologia Fisiológica” (*Grundzüge der physiologischen Psychologie*), em 1874, o psicólogo alemão dá um passo adiante e tenta aprofundar a teoria da percepção sensorial, fazendo uma espécie de conciliação entre nativismo e empirismo, bem como ampliando a noção de consciência. Wundt (1910, p. vi) escreve: “Eu espero que, no presente trabalho, eu tenha conseguido mostrar a inadequação do empiricismo fisiológico moderno, bem como a relativa justificativa para o nativismo e a necessidade de que ambas as concepções apontam para uma teoria psicológica mais profunda”⁸.

Wundt trabalha com a proposta de uma psicologia que possa ser abordada empiricamente, a qual é alicerçada em três princípios básicos. O primeiro é o conceito de mente, essa não se define como uma substância, mas como uma unidade lógica que ordena a experiência interna; o segundo é o princípio do paralelismo psicofísico, herança de Fechner, que é uma das pressuposições que permitem a hipótese da constância e garante autonomia epistemológica e metodológica da psicologia frente às ciências naturais; e o último é o princípio de causalidade mental, que é consequência dos dois primeiros.

Nesse sentido, Wundt se dedica a desenvolver uma psicologia fisiológica. O psicólogo aproveita o avanço exponencial da fisiologia que ocorre a partir da segunda metade do século XIX para reforçar suas teorias psicológicas. Wundt (1910, p. 2) declara que “o adjetivo ‘fisiológico’ implica simplesmente que nossa psicologia se valerá de todos os meios que a fisiologia moderna coloca à sua disposição”⁹. O psicólogo, no entanto, ressalta que utilizar a fisiologia como base para o método experimental da psicologia não significa reduzir a última à primeira.

O processo perceptivo pensado por Wundt pode ser resumido em três partes. O primeiro ato perceptivo é chamado pelo psicólogo de coligação, uma espécie de conexão de diversos fatos elementares (sensações). O segundo ato perceptivo é nomeado por ele de síntese. É nesse estágio que é construído um todo unitário, por meio das sensações conectadas pela coligação, dando lugar a um novo elemento que é formado pelas sensações, mas não reduzido a elas. É nesse segundo estágio que a psicologia de Wundt se diferencia das outras teorias chamadas de associacionistas e ganha uma característica própria: a síntese criativa. Wundt não defende apenas que todos percebidos são conexões associativas, mas que a combinação de sensações elementares criaria um elemento novo, mostrando que o todo é mais que a soma de suas partes¹⁰. Por último, Wundt defendia como terceiro ato perceptivo a analogia, a qual dependia da síntese, que, por sua vez, dependia da coligação. A analogia teria o papel de se conectar com experiências anteriores e, a partir delas, produzir uma nova percepção. Ou seja, nossas experiências anteriores nos forneceriam um esquema que nossas novas experiências apenas completariam com novas informações perceptivas.

Os teóricos da Gestalt nomearam a proposta de Wundt de hipótese da assimilação. Segundo a Escola de Berlim, o objetivo dessa hipótese determina seu conteúdo, porque apesar dela reconhecer que os órgãos dos sentidos fornecem somente uma soma das sensações sem unidade, o que encontramos são objetos definidos em nosso campo perceptivo. Então, a única explicação é que nossas experiências anteriores adicionaram algo a essa soma de sensações (analogia), além de efetuarem uma fusão (síntese) transformando em unidade um conjunto de sensações elementares (coligação) que dá origem a algo totalmente novo quando propriedades são perdidas ou modificadas.

O problema é que tal hipótese em nenhum momento pode ser verificada. A tese da síntese criativa é sintomática em relação aos problemas que Wundt enfrentava. Ao fornecer essa solução, ele reconhece que há dificuldade de reconciliar processos psíquicos com a explicação causal advinda de um modelo das ciências naturais.

Até aqui fica claro porque Gurwitsch afirma que a psicologia tradicional concebeu o sujeito psicológico localizado no mundo de estímulo objetivo. O filósofo lituano relata que:

O mundo “objetivo” dos estímulos era aceito como uma base “auto evidente”, uma pressuposição “natural” para o trabalho psicológico, que não requeria justificativa nem discussão. Da mesma forma, a suposição de que as sensações são funções inequívocas e contínuas dos estímulos correspondentes parecia evidente¹¹ (Gurwitsch, 2009, p. 213).

Por esse motivo, o surgimento de uma nova proposta de psicologia, a descritiva, será de vital importância para a revisão destes pressupostos. A Gestalt e a refutação da hipótese da constância só são possíveis por intermédio de uma psicologia descritiva, num processo metodológico quase paralelo ao da fenomenologia.

⁸ “I hope that, in the presente work, I have succeeded in showing the inadequacy of modern physiological empiricism, as well as the relative justification for nativism and the necessity with which both conceptions alike point to a more profound psychological theory”. (tradução nossa)

⁹ “the adjective ‘physiological’ implies simply that our psychological will avail itself to the full of the means that modern physiology put at its disposal for the analysis of conscious processes”. (tradução nossa)

¹⁰ Por esse motivo, essa frase apesar de ser atribuída à Gestalt, não a caracteriza. Outros psicólogos, muito antes do surgimento da Gestalt, compartilhavam essa ideia, porém o elementismo de suas teorias ainda encontrava na hipótese da constância uma base sólida.

¹¹ “The ‘objective’ world of stimuli was accepted as a ‘self-evident’ basis, a ‘natural’ presupposition for psychological work, requiring no justification nor any discussion. Likewise, the supposition that sensation are unambiguous and continuous functions of the corresponding stimuli seemed self-evident”. (tradução nossa)



A Psicologia Empírica de Franz Brentano

No ano em que Wundt lança o trabalho que serve de base para a sua psicologia, Franz Brentano, também em 1874, publica o seu “Psicologia do ponto de vista empírico” (*Psychologie vom empirischen Standpunkte*). Nesta obra, Brentano propõe uma psicologia empírica, mas que não utiliza um método derivado das ciências naturais. Com uma psicologia que possuía objeto e método bem definidos, a intenção de Brentano não era rivalizar com a psicologia experimental, mas delimitar a psicologia diante da fisiologia.

Brentano defende uma divisão entre elementos e estruturas necessários para a vida psíquica (alvo de sua psicologia descritiva) e explicações causais de origem física ou fisiológicas (objetos da psicologia genética e metodologicamente dependentes dos resultados descritivos). Ele acreditava que a análise descritiva dos fenômenos mentais era uma ferramenta com a mesma qualidade científica da matemática. Ele então estabelece uma distinção importante entre fenômenos psíquicos e fenômenos físicos, alegando que o objeto da psicologia se restringe aos fenômenos psíquicos. É importante ressaltar que essa não é uma distinção entre substâncias e o que diferencia os dois tipos de fenômenos; é a qualidade intrínseca aos fenômenos psíquicos, isto é, a intencionalidade. Ou seja, todo fenômeno psíquico se caracteriza por possuir em si algo como objeto, mas uma ciência só está completa com a definição de um método; ora, nesse quesito, Brentano propõe, como método, a percepção interna; assim, por meio dela, ao mesmo tempo que o fenômeno psíquico se dirige a um objeto ele também se dirige a si mesmo.

A partir destas características, ele propõe uma teoria da parte e do todo que influenciará toda uma geração de psicólogos e filósofos. Brentano compreendia a vida psíquica como uma unidade, porém complexa e articulada entre si. Essa articulação revelava relações de dependência não causal, sendo essa uma das grandes marcas da sua psicologia estrutural que será herdada por alguns membros da chamada Escola de Brentano.

É Brentano quem começa a análise da relação intencional entre ato e objeto ou conteúdo, a qual será desdobrada e reformulada por grande parte de seus alunos. Husserl explorará a perspectiva subjetiva, Meinong será o responsável pela criação de uma teoria dos objetos, enquanto Stumpf será o professor responsável pela formação dos fundadores da Escola de Berlim. Antes, porém, de chegar a eles, é importante compreender um outro episódio de grande influência: a discussão entre Christian von Ehrenfels e Ernst Mach.

Christian von Ehrenfels e Ernst Mach

Ehrenfels é influenciado diretamente pelo trabalho de Ernst Mach – “A análise das sensações” (*Die Analyse der Empfindungen*), publicado em 1886. É a partir da leitura desse texto que Ehrenfels propõe em seu artigo (*Über ‘Gestaltqualitäten’*) o conceito de “qualidade Gestalt”, e entrega uma análise detalhada em 1890. Mach foi o primeiro a perceber que reconhecemos melodias e não uma soma de notas musicais. Ou seja, independentemente do fato de escutarmos uma melodia em tons diferentes, conseguimos reconhecê-la como similar; ora, o mesmo acontece ao nos depararmos com figuras de dimensões diferentes de maneira que podemos reconhecer a similaridade de suas formas (*Gestalten*). Essa pode parecer uma questão trivial, mas vai de encontro à teoria elementista da época e, por essa razão, a percepção de complexos passa a ser um assunto que será abordado por diversas teorias da percepção.

Ainda que ambos concordem sobre a existência da qualidade Gestalt e na forma imediata como ela se apresenta, tal noção de qualidade revela uma série de distinções conceituais e metodológicas entre os dois pensadores, que leva a discordâncias na abordagem do problema. Uma das mais importantes é que Ehrenfels, como um aluno da Escola de Brentano, faz diferença entre psicologia genética e psicologia descritiva, enquanto essa separação não é abordada dentro do contexto do monismo neutral de Mach, o que eventualmente leva à problematização do reducionismo de sua proposta à sensação.

Segundo Ehrenfels, na psicologia genética postula-se que uma forma espacial ou uma melodia não se originam fora da consciência como algo completo, pelo contrário, ambas sempre dependem de uma integração ou síntese por parte do sujeito. Por outro lado, a psicologia descritiva tem como questão o que precisamente são as formações representacionais dadas em si mesmas. É vinculando a investigação da qualidade Gestalt à psicologia descritiva que Ehrenfels (1988, p. 82) elabora a famosa pergunta: “É a melodia a mera soma [*Zusammenfassung*] de elementos, ou algo novo em relação a essa soma de elementos, algo que certamente vai de mãos dadas com, mas é distinguível de, uma soma de elementos?”¹².

Com essa distinção em mente, Ehrenfels reconhece que o termo “sensação”, em Mach, contém uma certa peculiaridade e pode ser entendido de duas maneiras. Caso o termo seja vinculado à questão da psicologia descritiva, Ehrenfels (1988, p. 83) acredita que Mach está ciente que não usa o termo com uma designação precisa. Como nota ele, “Mach desejava apenas dar proeminência à imediação de certas impressões e da sua independência de todo processo intelectual da parte do sujeito perceptivo”¹³. Porém, Mach compromete-se

¹² “Is a melody a mere sum [*Zusammenfassung*] of elements, or something novel in relation to this sum, something that certainly goes hand in hand with, but is distinguishable from, the sum of elements?” (tradução nossa)

¹³ “Mach wished merely to give prominence to the immediacy of certain impressions and to their independence from all intellectual processing on the part of the perceiving subject”. (tradução nossa)



com a proposta de uma sensação muscular¹⁴ (que lhe deixa mais próximo dos problemas da psicologia genética e, por consequência, da hipótese da constância).

Ehrenfels, no entanto, alerta que tal pressuposição deixaria o argumento de Mach vulnerável a contradições, como, por exemplo, o fato de só podermos “sentir” o que é simultaneamente presente para nós, o que daria conta de uma Gestalt não-temporal como uma figura espacial, mas não conseguiria fundamentar uma Gestalt não-temporal como a melodia. Por este motivo, ele acredita que Mach concebe a sensação de uma forma *suis generis*.

Ao defender a existência da percepção de complexos, pode-se pensar que a qualidade Gestalt é um contraponto à visão elementista que prevalecia na psicologia da época; porém, o que ocorre é que Ehrenfels – que também foi aluno de Meinong – acreditava que essa percepção apesar de existir independentemente da soma dos elementos sensíveis era fundada a partir deles. Segundo Ehrenfels,

Por Gestalt nós entendemos um conteúdo positivo de representação vinculado na consciência com a presença de complexos elementos mutuamente separáveis (ou seja, independentemente apresentáveis). Aquele complexo de representações que é necessário para a existência de uma qualidade Gestalt, nós chamamos de fundação [*Grundlage*] dessa qualidade¹⁵ (Ehrenfels, 1988, p. 93).

O que mostra que o reconhecimento da Gestalt como qualidade é apenas um primeiro passo dado em direção à psicologia e, depois, na sua consolidação como teoria. O grande ganho das propostas de Mach e Ehrenfels é a constatação que a Gestalt nos é dada imediatamente na percepção, não sendo resultado da atividade mental do sujeito. Ehrenfels, contudo, não explica como a memória, necessária para a retenção das notas musicais, atuaria sem comprometer o caráter imediato da percepção da melodia.

Meinong e a Escola de Graz

Meinong é um filósofo de grande importância para discussão da qualidade Gestalt. Aluno de Brentano e professor de Ehrenfels, ele propõe uma nova classificação de objetos desenvolvida a partir da revisão da relação intencional proposta pelo seu professor e que leva a uma divisão entre objetos de ordem inferior e ordem superior, que, em seguida, será utilizada como base para as proposições da Escola de Graz. Gurwitsch destaca sua contribuição:

Meinong tem expressado esta distinção, na qual ele mesmo insiste enfaticamente, de uma maneira muito pregnante contrastando o *inferiora* com o *superius*. A mesma distinção fundamenta a teoria da produção de Benussi, para a qual a hipótese da constância fornece uma base adicional¹⁶ (Gurwitsch, 2009, p. 278)

Meinong concorda com Ehrenfels que temos conhecimento sensível da qualidade Gestalt ao mesmo tempo que frisa a impossibilidade de reduzi-la a simples sensações, mas ressalta que falta fundamentação por parte de Ehrenfels acerca da apreensão imediata desta qualidade. Para dar conta desse problema, ele segue o mesmo eixo de Twardowski¹⁷ e propõe a distinção entre objeto e conteúdo, não realizada por Brentano na sua obra de 1874 ao descrever a relação intencional.

Em seu texto publicado em 1889, “Sobre objetos de ordem superior e sua relação com a percepção interna” (*Über Gegenstände höherer Ordnung und deren Verhältnis zur inneren Wahrnehmung*), Meinong parte do pressuposto de que toda apreensão é um ato mental, todo ato mental tem um conteúdo e todo conteúdo se refere a um objeto intencional. Dito isto, o conteúdo sempre existe, no entanto, o objeto intencional pode existir ou não (ex. quando imagino uma montanha dourada), ou seja, o conteúdo da minha imaginação existe ainda que a montanha dourada não exista. Twardowski percebeu que objetos intencionais possuem características espaciais mesmo que não existam; no caso, a montanha tem uma extensão e uma coloração, porém, conteúdos podem não possuir estas qualidades. Meinong estende essa proposição de Twardowski para qualidades temporais. Aliado a isso, ele faz uma divisão entre dois tipos de seres: existentes e subsistentes, na qual objetos de ordem inferior existem e fundam objetos de ordem superior que subsistem. Como exemplos de objetos de ordem superior temos relações e complexos.

Essas definições aplicadas na discussão da melodia e qualidade Gestalt ganham a seguinte perspectiva: as notas musicais são objetos de ordem inferior que existem e fundam a melodia, um complexo de notas mu-

¹⁴ Esse termo foi usado anteriormente por Wundt para explicar a profundidade.

¹⁵ “By a Gestalt we understand a positive content of presentation bound up in consciousness with the presence of complexes of mutually separable (i.e. independently presentable) elements. That complex of presentations which is necessary for the existence of a given Gestalt quality we call the foundation [*Grundlage*] of that quality”. (tradução nossa)

¹⁶ Meinong has expressed this distinction, upon which he himself emphatically insists, in a very pregnant way contrasting the inferiora to the superius. The same distinction underlies Benussi’s theory of production, for which the constancy hypothesis provides a further foundation. (tradução nossa).

¹⁷ Kazimierz Twardowski foi um dos representantes da Escola de Brentano e o primeiro a publicar sobre a diferença entre objeto e conteúdo em sua tese, em 1894.



sicais, que subsiste como objeto de ordem superior e é fundada pela existência das notas musicais. Apesar da distinção entre os tipos de objetos, ambos são reais e entidades objetivas, e ainda que a melodia seja um objeto distribuído no tempo ela é apreendida de forma imediata por meio de um conteúdo que tem característica temporal diferente, a saber, de forma não distribuída temporalmente¹⁸.

Nesse caso, a Gestalt se consolida como um objeto de ordem superior e, como adiantou Gurwitsch, essa classificação servirá como ponto de partida para a Teoria da Produção. Smith esclarece que:

Ao insistir que Gestalten deve sua existência como objetos de experiência exclusivamente a uma atividade específica de “produção” por parte de sujeitos experimentadores, os membros da escola de psicologia de Graz basearam-se na divisão anterior de Meinong de objetos de experiência em ‘existentes’, e objetos ‘subsistentes’, argumentando que apenas os primeiros podem ser experimentados diretamente na sensação. Se tivermos representações deste último, que estão fora do espaço e do tempo, então a fonte dessas representações não pode ser uma afecção dos sentidos; portanto, deve existir alguma outra atividade psíquica não sensorial que torne tais representações possíveis: esta é precisamente a atividade de produção¹⁹ (Smith, 1994, p. 258).

A Escola de Graz é reconhecida por tentar provar, de forma experimental, as afirmações de Meinong. Grande parte dos trabalhos era com base em figuras ambíguas, as chamadas ilusões de ótica, já que acreditavam que por esses materiais possuírem um dado sensível constante qualquer tipo de juízo sobre as representações que demonstrassem ambiguidade ou percepção objetivamente “equivocada” precisariam ser produção unicamente do sujeito.

A teoria da produção é detalhada principalmente pelo psicólogo Vittorio Benussi que, ao contrário de seus outros colegas de Graz, não acreditava que a ambiguidade fosse uma simples produção de ilusões, seja de julgamento ou de sensação, mas que consistia em um tipo particular de percepção da forma que obedecia às leis específicas de organização. Como consequência desse posicionamento, Benussi propõe a mudança do termo “ilusão” para “representação inadequada” (*inadequäten Vorstellen*). Mais tarde, ele atribui a percepção da forma à origem *asensorial*, uma clara tentativa de desvincular suas descrições como um desenvolvimento direto do termo “produção” de Meinong, sem deixar, entretanto, de defender que a percepção da forma não dependia da ação do estímulo, mas de condições internas e do entendimento do sujeito.

Para deixar mais clara a posição de Benussi, e marcar a oposição à Escola de Berlim, um ponto é fundamental: Benussi defendia que a Gestalt era apreendida no mesmo nível da sensação, mas se diferenciava desta de forma genética. Então, apesar da Gestalt poder ser determinada por estímulos objetivos e pelo mesmo conteúdo sensível, ela não era produto deles. Nesses termos, Benussi pressupunha a hipótese da constância como base ainda que não atribuísse a percepção da Gestalt a ela.

Stumpf e a Escola de Berlim

Na sequência dos alunos de Brentano, temos Carl Stumpf, mais conhecido como o professor daqueles que seriam, mais tarde, os fundadores da Escola de Berlim e teóricos da Gestalt. Stumpf é um dos pioneiros da psicologia experimental e demonstra um grande interesse pelos efeitos psicológicos do som na experiência. Em 1883, ele lança o primeiro volume de “Psicologia do som” (*Tonpsychologie*), mas foi apenas no começo do século XX que Stumpf opera uma mudança e faz a transição da psicologia para o que ele chama de fenomenologia. Um percurso, de certa forma, similar ao de Husserl, de quem foi professor e sobre o qual exerceu enorme influência.

Como todo bom aluno da Escola de Brentano, ele parte do esquema de seu professor e realiza alterações. Spiegelberg (1965, p. 59) relata que “por fenômenos (*Erscheinungen*) em geral, Stumpf compreende os correlatos objetivos dos fenômenos ou atos psíquicos de Brentano, ou, como ele vai chamá-las agora, ‘funções psíquicas’ (*psychische Funktionen*)”²⁰. Stumpf defendia a sua fenomenologia como uma espécie de pré-ciência, que deveria servir de base para o estudo posterior dos fenômenos pelos físicos, fisiologistas²¹ ou psicólogos. Então, apesar da proposta fenomenológica, já podem ser percebidas algumas diferenças importantes em relação à fenomenologia husserliana. A maior delas, sem dúvida, é o caráter experimental. No caso de Stumpf, o seu maior plano de investigação experimental foi a fenomenologia do som.

É a partir da fenomenologia do som que Stumpf fará a distinção entre partes dependentes (atributos)

18 Para mais detalhes ler (Sweet, 1993).

19 “In insisting that Gestalten owe their existence as objects of experience exclusively to a specific activity of “production” on the part of experiencing subjects, the members of the Graz school of psychology drew on Meinong’s earlier division of objects of experience into ‘existent’, and ‘subsistent’ objects, arguing that only the former can be experienced directly in sensation. If we have presentations of the latter, which are outside space and time, then the source of these presentations cannot be an affection of the senses; hence there must exist some other, non sensory psychic activity which makes such presentations possible: this is precisely the activity of production”. (tradução nossa)

20 “By phenomena (*Erscheinungen*) in general Stumpf understands the objective correlates of Brentano’s psychical phenomena or acts, or, as he is now going to call them, ‘psychical functions’ (*psychische Funktionen*)” (tradução nossa)

21 Quando ele pensa em fisiologistas, não está considerando uma possível redução da psicologia ou fenomenologia à fisiologia, mas se refere à fisiologia praticada por Hering, que como já vimos é reconhecido como um dos primeiros pesquisadores a utilizar o método fenomenológico.



e independentes (partes psicológicas). Ele defendia que existiam partes inseparáveis até mesmo imaginativamente e outras que poderiam ser separadas. Essa característica de “separabilidade” era estrutural do fenômeno e não subsumida a uma habilidade do sujeito. Na investigação dessas relações entre partes, surgiram alguns conceitos de Stumpf que são fundamentais e exercem influência tanto na Escola de Berlim quanto em Husserl. Um deles é o conceito de fusão. O termo, em si, não é uma novidade na psicologia, como explica Ierna (2009, p. 495):

O termo “fusão” (*Verschmelzung*) não é um neologismo stumpfiano, mas um termo técnico bem conhecido da obra de outros filósofos, como Johann Friedrich Herbart e Wilhelm Wundt, por exemplo. Stumpf adotou o termo, mas não a teoria desses pensadores, dando-lhe um novo significado. Assim, é crucial levar este contexto mais amplo em consideração ao comparar os usos que Stumpf e Husserl fazem do termo²².

Para Stumpf, a fusão é um tipo de relação fundamental e imanente entre os fenômenos e é perceptível diretamente e sem intermediários. Stumpf defendia que existia uma série de relações que estruturavam o material sensorial, e a fusão era uma delas. Uma fusão não é nada mais que uma relação entre dois fenômenos que não forma meramente uma soma, mas um todo. Esse todo unitário é percebido como uma Gestalt.

Até aqui há concordância, entre Stumpf e seus alunos da Escola de Berlim. A questão é que Stumpf não elimina a ideia de conteúdos fundantes. Então, a Gestalt é tida por ele como uma rede de relações funcionais entre partes distintas que eventualmente podem ser percebidas separadamente. No caso da melodia, ela é reconhecida como Gestalt, mas suas notas musicais são seus conteúdos fundantes. O que Stumpf admite é que as notas musicais no contexto funcional da Gestalt (melodia) soam diferentes de quando escutadas isoladamente, mas isso não significa que elas não existam como individuais. É a partir daqui que há um impasse com a Escola de Berlim. Nesse ponto, Stumpf é acusado por Köhler de ainda se manter atrelado à hipótese da constância.

Ao chegarmos a esse ponto da análise é razoável perguntar, enfim: o que a teoria Gestalt de fato defende? E como ela se conecta com a fenomenologia? Para termos essa compreensão, precisamos nos voltar ao primeiro representante da Escola de Berlim, Wertheimer. É quando Wertheimer descobre o fenômeno Phi, que descrevia a percepção do movimento aparente, que a Escola de Berlim consegue pela primeira vez reproduzir de forma experimental uma relação puramente fenomenal. Ele publica, em 1912, um experimento em que indivíduos (Köhler e Koffka) são expostos a luzes que piscam alternadamente em um curto intervalo e, por isso, é possível “ver” o movimento. Wertheimer não chega a fazer uma sistematização de sua teoria, embora defenda que a partir desse fenômeno é possível negar que cada parte da estrutura percebida corresponda a um ou mais dados sensoriais que poderiam primeiramente ser experienciados de forma isolada. Este posicionamento vai de encontro às teorias elementistas e à hipótese da constância.

O que quase não é comentado é que, no mesmo ano, – até um pouco antes de Wertheimer publicar seu trabalho – Benussi também faz uma publicação com uma temática semelhante, mas com resultados diferentes, conforme relata Albertazzi (2014, p. 10): “Benussi destacou a presença de dois diferentes tipos de movimentos: o primeiro resultante da sucessão da sequência estroboscópica de estímulos (Movimento s); a segunda decorrente da apreensão e produção subjetiva de toda aparência (Movimento S)”²³.

É a partir dessa diferença teórica sobre a explicação do movimento aparente que se concentrou a disputa que envolvia a Escola de Graz e a Escola de Berlim. Köhler foi o primeiro a associar a crítica da proposta de Graz com o termo “hipótese da constância”, que logo foi compartilhada por Koffka. Os sucessivos debates foram o que efetivamente levaram à sistematização, realizada por Koffka, de toda a teoria da percepção proposta pelos alemães e que ficou conhecida como a teoria Gestalt.

Até então, a psicologia considerava o estímulo como algo objetivo e externamente dado. O que a teoria Gestalt vai dizer é que a ideia de uma fonte de estímulos que podemos afirmar serem constantes é uma abstração. O caso das chamadas “ilusões”, em que supostamente temos o mesmo dado sensorial interpretado de mais uma maneira pelo sujeito é uma falácia, porque não podemos ter acesso a cada estímulo isolado para saber se ele permanece o mesmo. Smith (1994, p. 262) ressalta que “assim, por exemplo, é impossível simplesmente ver pontos individuais em uma matriz de cores de tal forma que a ordem particular de configuração dos pontos não seja incluída na visão”²⁴. Por isso, a Gestalt não é uma qualidade, um objeto de ordem superior ou qualquer outra característica adquirida a partir da percepção de elementos ou dados inferiores. A Gestalt é a própria forma que a coisa é percebida. As coisas não têm Gestalt; elas se dão em Gestalt. Koffka nega a noção de ambiguidade tão trabalhada pela Escola de Graz. Ora, não há figura ambígua, há mais de uma Gestalt. E por que essa variação? Porque a Gestalt sempre se dá em relação ao seu perceptor.

22 “Le terme « fusion » (*Verschmelzung*) n’est pas un néologisme stumpfien, mais un terme technique bien connu des travaux des autres philosophes, tels que Johann Friedrich Herbart et Wilhelm Wundt, par exemple. Stumpf a adopté le terme, mais non la théorie de ces penseurs, en lui donnant une nouvelle signification. Ainsi, il est crucial de prendre en considération ce contexte plus large dans la comparaison des usages que Stumpf et Husserl font du terme”. (tradução nossa)

23 Benussi highlighted the presence of two different types of movements: the first resulting from the succession of the stroboscopic sequence of stimuli (sMovement); the second resulting from the apprehension and subjective production of the whole appearance (S-Movement).” (tradução nossa).

24 “Thus for example it is impossible merely to see individual points in an array of colour in such a way that the particular order of configuration of the points would not be included in the seeing” (tradução nossa)



É essa atitude fenomenológica que Gurwitsch tenta reivindicar à Gestalt quando usa sua teoria como princípio para sua crítica a Husserl. Para o filósofo lituano, Ehrenfels, Meinong, Benussi, Husserl e quase todos que antecederam a Escola de Berlim recaem em um dualismo porque estão atrelados à hipótese da constância:

O que é essencial e comum a todos esses escritores é o dualismo como tal: por um lado, elementos sensoriais que são simplesmente dados e que, mesmo sem serem explicitamente declarados, são concebidos de acordo com a hipótese da constância; por outro lado, existe um estrato superior, acima desses elementos, mas fundado neles²⁵. (Gurwitsch, 2009, p. 280).

A Gestalt consegue desafiar a validade da hipótese da constância, como já adiantamos, a partir de dois tipos de conexão. A primeira é esta que acabamos de expor e que foi desenvolvida pelos teóricos da Gestalt. A segunda será nosso foco agora: a relação figura-fundo. Esta, apesar de ser atribuída à Gestalt, é na verdade originalmente pensada pelo psicólogo dinamarquês Edgar Rubin.

Edgar Rubin e a Relação Figura-Fundo

Embora de origem dinamarquesa, Rubin foi bastante influenciado pela psicologia e pela filosofia alemãs, indireta e diretamente. Seu interesse era a pesquisa em psicologia, mas no século XIX, na Dinamarca, a única forma de se graduar em psicologia era fazer parte da graduação em filosofia, o que mostra a falta de autonomia da psicologia enquanto disciplina nas universidades da época. Seus professores na Universidade de Copenhague foram Harald Høffding, Kristian Kroman e Alfred Lehman, e, a partir deles, Rubin teve acesso à filosofia de Herman Lotze, William James, John Stuart Mill e Henri Bergson, todos de grande relevância para a filosofia da percepção.

Após terminar sua formação na Dinamarca, Rubin teve a oportunidade de continuar seus estudos com Elias Müller em Göttingen, Alemanha, em 1911. Lá teve contato com David Katz e, por meio dele, teve aproximação com a proposta fenomenológica de trabalho que provinha de Hering. Nessa época, Rubin pode presenciar o cenário da psicologia experimental da Alemanha, à qual, antes, só tinha acesso por meio do relato de seus professores. Em 1913, ele já residia na Dinamarca novamente, mas volta à Alemanha para o 6º Congresso Alemão de Psicologia Experimental e pela primeira vez apresenta a concepção de figura-fundo para uma audiência científica. Após contar com a aprovação de seus pares na academia, em 1915, ele publica sua tese “Figuras visualmente experienciadas” (*Synsoplevede Figurer*) que é dividida em duas partes: a primeira “Figura e fundo” e a segunda “Área figural, o contorno, o traço”.

Rubin não usa a expressão fenomenologia para se referir ao seu trabalho; ele emprega o conceito de experiência visual e postula que é nela que devemos nos concentrar e posteriormente descrever. Ele percebe que, numa mesma imagem, podemos alternar figura e fundo, ou seja, temos experiências perceptivas diferentes do que a psicologia clássica chamaria de um estímulo constante. O famoso exemplo é o chamado Vaso de Rubin:



1 - Vaso de Rubin

Nesse sentido, Rubin desafia a hipótese da constância e dá mais ferramentas para que Gurwitsch defenda sua própria tese. Grande parte do trabalho do pesquisador lituano se remete à relação do tema com seu campo temático e é em Rubin que ele irá buscar as referências adequadas para lidar com a questão. Gurwitsch (2009, p. 226) descreve que:

²⁵ “What is essential and common to all these writers is the dualism as such: on the one hand, sensuous elements which are simply given and which, even without it being explicitly stated, are conceived of according to the constancy hypothesis; on the other hand, there is a higher stratum, above those elements but founded on them.” (tradução nossa).



De acordo com sua conexão material com o tema, aquilo que pertence ao pano de fundo da consciência adquire um lugar definido no campo temático. Dizemos que se deu uma orientação e isso envolve duas coisas: o campo da consciência adquiriu um centro e o campo temático se organiza em relação a ele. Os componentes do campo temático são ordenados de acordo com suas relações com o tema. A dualidade envolvida em tal orientação é precisamente o que caracteriza a relação figura-fundo no sentido de Rubin, que a estudou no domínio visual²⁶.

O motivo pelo qual Gurwitsch associa Rubin ao movimento Gestalt e à tradição fenomenológica, apesar do próprio não o fazer, é porque Koffka faz essa relação. Pind conta que:

Em 1921, Kurt Koffka foi convidado a escrever uma visão geral da psicologia da Gestalt para o American Psychological Bulletin. Koffka aceitou a tarefa e o artigo foi publicado no ano seguinte. Aqui, Koffka deu uma descrição detalhada dos estudos de Rubin sobre o problema figura-fundo. Na verdade, os estudos de Rubin sobre figura e fundo são tratados por Koffka da mesma forma que os estudos de Wertheimer sobre o fenômeno. O artigo de Koffka trouxe os estudos de Rubin sobre figura e fundo à atenção de psicólogos americanos e, de fato, tornou-os muito conhecidos²⁷ (Pind, 2014, p. 150).

Assim como Koffka, Gurwitsch trabalha as descrições de Rubin como paralelas às de Wertheimer, e, por isso, considera ambas as teorias como conexões Gestalt. Apesar disso, Gurwitsch reconhece que estas não devem ser confundidas e que possuem implicações diferentes, que são abordadas ao longo de sua tese. O fato dessas conexões terem origens tão diferentes faz com que Gurwitsch chegue a se questionar se não haveria outros tipos de conexões que desconhecemos.

Considerações Finais

Acusar a fenomenologia husserliana de manter um pressuposto da psicologia clássica da qual, por princípio, ela tenta se afastar não parece um movimento coerente. Teoricamente essa afirmação não faria sentido. A fenomenologia de Husserl se considera à parte das discussões mundanas das quais se ocupa a psicologia. A fenomenologia não contempla os estímulos, nem tem relação com eles. Então por que uma teoria que afirma poder medir a sensação a partir de estímulos pode ser usada para questionar Husserl? E por que uma psicologia que Husserl já condenou ao naturalismo conseguiu superar esse prejuízo da sensação e realizar algo similar à redução fenomenológica? A partir do exposto e como explica Gurwitsch:

Se renunciarmos à hipótese da constância e tomarmos tudo o que é dado à consciência assim como se apresenta em sua natureza fenomênica, à parte – pelo menos para começar – de toda interpretação teórica, dispensamos e permitimos que sua natureza descritiva cumpra seus direitos independentemente de todas as construções teóricas. Tal procedimento metodológico acarreta algumas consequências muito importantes²⁸ (Gurwitsch, 2009, p. 213).

Por esse motivo, procuramos, até aqui, desfazer alguns pressupostos equivocados que dificultassem o entendimento da proposta de Gurwitsch. Para começar, não devemos banalizar a importância da hipótese da constância. Devemos reconhecê-la a partir de seus efeitos positivos e negativos para o desenvolvimento da psicologia. Ela, sem dúvida, foi um referencial, ainda que limitado, e, por isso, é fácil compreender porque se manteve tão presente na base do desenvolvimento da psicologia e da filosofia. É preciso também não a pensar como um modelo estático; afinal, ela foi se desenvolvendo e ganhando novas formas ao longo do tempo. Como Koffka (1935, p. 103) coloca: “é claro que os adeptos da hipótese da constância não podiam e não acreditavam que a soma das sensações que, de acordo com sua suposição fundamental, constituíam o resultado de qualquer estimulação, fosse equivalente às coisas realmente percebidas”²⁹.

26 “In accordance with its material connectedness with the theme, that which pertains to the background of consciousness acquires a definite place within the thematic field. We say that an orientation has been brought about, and this involves two things: the field of consciousness has acquired a center, and the thematic field is organized with respect to it. The components of the thematic field are ordered in accordance with their relations to the theme. The duality involved in such orientation is precisely what characterizes the figure-ground relationship in the sense of Rubin, who has studied it in the visual realm.” (tradução nossa)

27 “In 1921, Kurt Koffka was invited to write an overview of Gestalt psychology for the American Psychological Bulletin. Koffka accepted the task, and the paper was published the following year. Here, Koffka gave a detailed description of Rubin’s studies of the figure-ground problem. In fact, Rubin’s studies of figure and ground are treated by Koffka on a par with Wertheimer’s studies of the phi phenomenon. Koffka’s paper brought Rubin’s studies on figure and ground to the attention of American psychologists and indeed made them very well known.” (tradução nossa)

28 “If we relinquish the constancy hypothesis and take whatever is given to consciousness just as it presents itself in its phenomenal nature, apart—at least to begin with—from all theoretical interpretation, we dispense with orienting the data of consciousness *beforehand* to objective stimuli, and we allow their descriptive nature to come into its rights independently of all theoretical constructions. Such a methodological procedure entails some very important consequences.” (tradução nossa)

29 “Clearly the adherents of the constancy hypothesis could not and did not believe that the sum of sensations which according to their fundamental assumption constituted the result of any stimulation, was equivalent to the actually perceived things.” (tradução nossa)



Os teóricos da Gestalt têm o mérito de identificá-la na base do pensamento da psicologia clássica, chegando a descrever e nomear algumas adaptações dessa hipótese, como, por exemplo, a hipótese da interpretação (Helmholtz) e a hipótese da assimilação (Wundt). Nem sempre é fácil identificá-las. O que Gurwitsch faz é questionar se dentro da proposta de Husserl não há ainda uma outra forma de manutenção da hipótese da constância identificada pela Escola de Berlim. E, se for o caso, se a proposta de superação desta hipótese com uma psicologia descritiva que visa apenas a relação perceptiva do fenômeno não seria uma forma, ainda que não-evoluída, de uma redução transcendental.

Referências

- Albertazzi, L. (2015). Philosophical background: Phenomenology. In *The Oxford Handbook of Perceptual Organization*. Edited by Johan Wagemans DOI:10.1093/oxfordhb/9780199686858.013.048.
- Albertazzi, L. & Jacquette, D. (2001). *The School of Alexius Meinong*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315237176>
- Araújo, S. F. (2016). *Wundt and the philosophical foundations of psychology*. A reappraisal. New York: Springer.
- Ash, M. (1998). *Gestalt Psychology in German Culture 1890-1967: Holism and the quest of objectivity*. New York: Cambridge University Press.
- Brentano, F. (1985). *Psychology from an Empirical Standpoint*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203202883>
- Ehrenfels, C. v. (1988). On Gestalt Qualities. In: B. Smith (Ed.). *Foundations of Gestalt Theory* (p. 8155-1677). Munich; Vienna: Philosophia Verlag.
- Gurwitsch, A. (2009). Phenomenology of Thematics and of the Pure Ego: Studies of the Relation Between Gestalt Theory and Phenomenology. In: F. Kersten (Ed.). *The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901-1973), II: Studies in Phenomenology and Psychology* (pp. 193-317). Dordrecht: Springer (Original publicado em 1929).
- Ierna, C. (2009). Husserl et Stumpf sur la Gestalt et la fusion. *Philosophiques* 36 (2): 489–510. <https://doi.org/10.7202/039482ar>
- Koffka, K. (1935). *Principles of Gestalt Psychology*. New York: Harcourt, Brace and Company.
- Pastore, N. (1974). Reevaluation of Boring on Kantian Influence, nineteenth century nativism, Gestalt psychology and Helmholtz. *Journal of History of Behavioural Sciences*, 10: 375-390. DOI: [10.1002/1520-6696\(197410\)10:4<375::aid-jhbs2300100402>3.0.co;2-e](https://doi.org/10.1002/1520-6696(197410)10:4<375::aid-jhbs2300100402>3.0.co;2-e)
- Patton, L. (2018). Helmholtz's physiological psychology. In Sandra Lapointe (Ed.) *Philosophy of Mind in the Nineteenth Century: The History of the Philosophy of Mind, Volume 5*. Routledge
- Patton, L. (2019). Perspectivalism in the development of scientific observer-relativity. In M. Rusch et al. (Eds). *The Emergence of Relativism* (pp 63–78). Routledge.
- Pind, J. L. (2014). *History and philosophy of psychology. Edgar Rubin and psychology in Denmark: Figure and ground*. Springer International Publishing. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-01062-5>
- [Smith, B. \(1994\). *Austrian Philosophy: The Legacy of Franz Brentano*. Chicago; LaSalle: Open Court Publishing Co.](#)
- Spiegelberg, H. (1965). *The Phenomenological Movement*. Springer, Dordrecht. https://doi.org/10.1007/978-94-015-7394-8_3
- Sweet, D. (1993). The Gestalt Controversy: The Development of Objects of Higher Order in Meinong's Ontology. *Philosophy and Phenomenological Research*, 53 (3), 553-575.
- Wundt, W. (1910). *Principles of physiological psychology*. London: Swan Sonnenschein.

Recebido em 08.07.2021 – Aceito em 09.12.2021